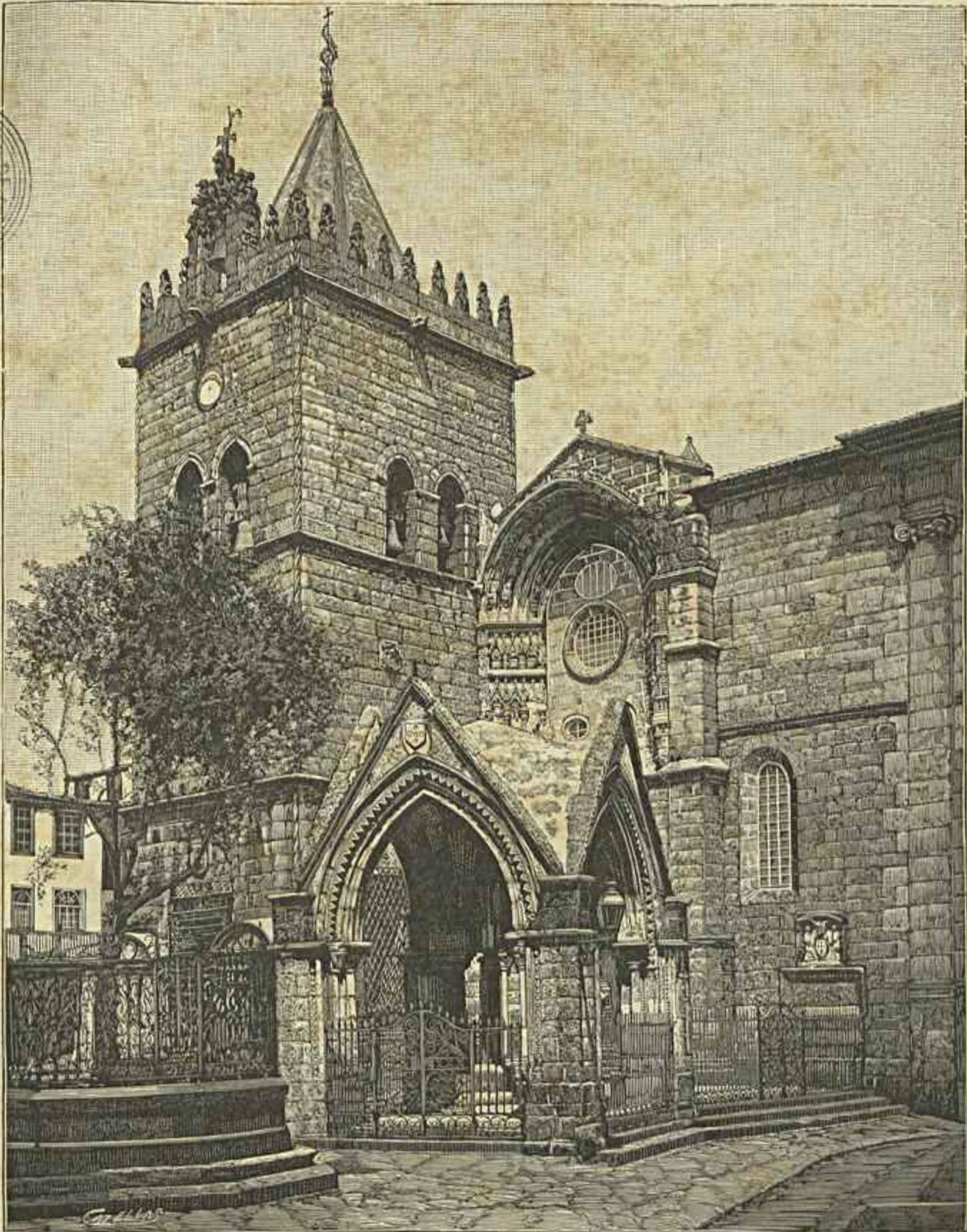


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	15.º Anno — XV Volume — N.º 469	Redacção — Atelier de Gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	I DE JANEIRO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



EGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA, EM GUIMARÃES

(Segundo uma photographia de Laurent)





## CHRONICA OCCIDENTAL

A primeira chronica de 1892!  
E com que prazer eu estou a escrevel-a!  
Nunca a chronica do anno novo me achou tão  
bem disposto, me causou tanta alegria.

Pudera não!  
Se eu durante muitos dias imaginei nunca mais  
escrever chronicas, nunca mais ver surgir um anno  
novo.

A primeira chronica de 1892 é tambem a minha  
primeira chronica depois de dois mezes de ausen-  
cia, de dois longos mezes em que estive vae não  
vae para emprehender a grande viagem d'onde  
nunca mais se volta!

Vae, não vae, e por fim de contas não fui! Não  
fui, graças a Deus, e graças á sciencia, á dedicacão  
á amisade de dois medicos illustres, um que com  
o seu grande tacto viu bem a tempo o perigo que  
não podia conjurar, porque combatel-o não fazia  
parte da sua sciencia, outro que luctou com esse  
perigo energeticamente, valorosamente e que o ven-  
ceu com a sua grande sciencia cirurgica, com as  
suas raras aptidões de operador excepcional.

E foi assim que elles me arrancaram das portas  
da morte onde eu estava já quasi a entrar, foi as-  
sim que eu hoje estou aqui muito bem sentado á  
minha banca saudando alegremente o anno que  
começa com todas as alegrias do convalescente  
que se vê dia a dia restituído á saude, do resuscit-  
ado que se vê restituído á familia, aos amigos, ao  
mundo!

Entretanto, meus caros leitores, isto de conver-  
sar com convalescentes e sobretudo com conva-  
lescentes que tiveram quasi um pé na cova, isto  
de fallar com homens que vem quasi do outro  
mundo, tem os seus inconvenientes — as historias  
que elles trazem para impingir.

Eu não me quero fazer melhor do que os meus  
collegas resuscitados e tambem trago a minha  
historia, tenham paciencia.

Essa historia porém não é só o desabafo d'um  
massador é o pagamento d'uma divida sagrada que  
contrahi para com aquelles a quem devo o gosar  
hoje todas as grandes alegrias que constituem o  
lado bom da vida humana.

Portanto a historia que tenho para contar é ao  
mesmo tempo uma divida a pagar, e vou pagal-a.  
Ahi vae a historia.

Vem ja de longe, essa historia, do dia 28 d'ou-  
tubro.

Foi n'esse dia que eu adoeci, e lembro-me d'elle  
perfeitamente porque era um dia de festa para as  
minhas pequenas, o dia da 50.<sup>a</sup> recita do *Burro do sr. Alcaide*: a recita dos auctores.

Eu tinha-lhes promettido levar-as á festa da  
Avenida: a doença prohibiu-me de cumprir a mi-  
nha promessa.

No dia immediato tinha á minha cabeceira o dr.  
Korth o illustre medico homœopatha.

O dr. Korth é para mim muito mais que um  
excellentissimo medico, é um excellentissimo amigo.

A nossa amisade data já de um par d'annos, da  
doença d'uma das minhas pequenas, a Mimi, que  
elle salvou da febre typhoide.

E não deixa de ser original, a maneira como eu  
conheci o illustre medico homœopatha ou antes,  
quem foi que me fez fazer esse conhecimento.

Devo o conhecer o dr. Korth a um medico al-  
lopatha. Não lhe escrevo aqui o nome para o pou-  
par ás maldições dos intransigentes.

A Mimi estava muito doente com uma febre ty-  
phoide.

Tratava-a um medico allopatha meu amigo, um  
medico muito habil, muito intelligente; mas a  
doente era muito pequena ainda, tinha apenas tres  
annos e não havia maneira alguma de lhe fazer  
tomar os remedios.

A *bout de ressources* e vendo a doença a cami-  
nhar sempre, o medico veio ter comigo e com  
uma lealdade e isenção raras, disse-me que em  
face d'aquella resistencia invencivel a tomar os  
medicamentos receitados, elle era apenas um es-  
pectador inutil da doença, que de dia para dia au-  
gmentava de gravidade e que recorreisse á homœo-  
pathia cujos medicamentos a doente tomaria com  
certeza.

E foi elle proprio que me fallou no Dr. Korth,  
que elle não conhecia pessoalmente, mas de cujo  
talento e de cujo character me fez o mais rasgado  
elogio.

Conhecia apenas o Dr. Korth de nome, fui lo-  
go procural-o.

Não estava em casa, mas não podia tardar.

Esperavam-n'o havia já tempo tres dos seus  
amigos intimos, tres dos seus companheiros dos  
quartetos de musica de camara, porque o Dr.  
Korth junta a ser um excellentissimo medico o ser um  
excellentissimo musico.

O Korth chegou.  
Apresentei-me e contei-lhe a que ia.  
— Vamos vêr a doente, disse-me logo elle, e  
veio immediatamente.

E d'ali a poucos dias era uma vez febre typhoi-  
de e a minha filha estava boa.

Data d'ahi o meu conhecimento com o Dr. Kor-  
th, conhecimento que dentro em pouco se tornou  
em estima e hoje n'uma amisade verdadeiramente  
fraternal. E raro o dia em que o Korth não vem  
a minha casa dar dois dedos de cavaco, elle que  
é um cavaqueador de mão cheia, cavaco sobre  
musica, sobre arte, sobre litteratura.

D'então para cá todas as vezes que a doença  
tem entrado em minha casa, o Dr. Korth tem-n'a  
feito logo sahir, com o seu grande talento medi-  
co, com a sua dedicacão sem limites.

D'esta vez ainda n'esta minha doença foram es-  
sa dedicacão e esse tacto medico que me salva-  
ram.

O Dr. Korth viu-me, receitou-me, mas ao ter-  
ceiro dia disse — É necessario que v. seja visto  
por um especialista da sua doença antiga, doença  
de que nunca se tratou apesar de eu lhe dizer to-  
dos os dias que tratasse d'isso a serio.

— Pois sim, respondi lhe eu, agora em estando  
melhor, em me passando a febre...

— Nada, ha de ser já. Escolha o cirurgião que  
quizer, mas não saio d'aqui sem você o ter es-  
colhido, porque eu mesmo o vou chamar e ha de  
vir ainda hoje vel-o.

Não havia remedio senão escolher.

Lembrei-me então d'uma conversação que se-  
manas antes ouvira.

Ha cousa de seis mezes chegára a Lisboa um  
especialista de doença de bexiga, que vinha de  
Paris, de ahi trabalhar durante um anno no inter-  
nato do Dr. Guyon, o celebre especialista francez.

Chamava-se Furtado esse medico e alguém pe-  
dindo d'elle informaçoes a um dos medicos mais  
illustres de Lisboa, a um dos grandes mestres con-  
sagrados da nossa sciencia, obtivera esta resposta:

— Eu não padeco d'essas doenças, mas se um  
dia padecer entrego-me de corpo e alma nas mãos  
do Furtado, porque sei o que elle sabe, e sei o que  
elle vale.

Como disse, esta conversa ouvira ha semanas  
occorreu-me então quando o dr. Korth me exigia  
terminantemente que escolhesse um especialista.

E disse-lhe sem hesitar:  
— Quero o Furtado.

— Não o conheço, mas é meu visinho, sei que  
tem o consultorio na rua Larga de S. Roque, ao pé  
de mim. Cá tem logo o Furtado.

Effectivamente n'essa noite vi entrar pelo quar-  
to dentro um rapaz muito novo ainda, alto, magro,  
pallido, de pequeno bigode preto, um rapaz  
que eu não conhecia, que nunca tinha visto.

Era o doutor Furtado.

Aquelle rapaz de 20 annos e meio apenas, era  
o medico notabilissimo, o operador eximio a quem  
eu havia de dever a vida!

N'essa noite foi uma visita de simples apresen-  
tação.

O dr. Furtado vinha simplesmente para me tra-  
tar da minha doença chronica, e para começar esse  
tratamento era melhor esperar que passasse a  
doença aguda, que então estava soffrendo e que  
ainda fugia ao diagnostico.

Despedimo-nos ficando o dr. Furtado de vir  
d'ali a 4 ou 5 dias para começarmos o nosso tra-  
tamento.

O medico era muito novo mas deixara-me uma  
excellentissima impressão, era extremamente sympa-  
thico, o que não é de modo nenhum indifferente  
n'um medico.

D'ali a dois dias porém o meu estado aggravou-  
se extraordinariamente, a doença desvendou-se  
emfim.

O dr. Korth veio como costume, viu-me, exa-  
minou-me, mas n'esse dia não conversou.

Poz o chapéu e sahiu logo.

D'ali a pedaço, ao anoitecer, com muito espanto  
meu, vi apparecer ao pé do meu leito a dr. Fur-  
tado.

Os cinco dias que elle me tinha dado de espera  
não tinham passado ainda. O que queria dizer  
aquillo?

Não tive muito tempo para tratar de desvendar  
esse mysterio, porque a febre que subia a 40 graus  
e uns decimos não me deixara a cabeça em muito  
bom estado para advinhar enygmas.

Sei que d'ali a nada tornou a apparecer no meu  
quarto o dr. Korth, que me metteu o thermome-  
tro, e não soube mais nada.

Na manhã seguinte senti uma coisa que nunca  
na minha vida tinha sentido e que creio ter sido a  
visão da morte.

Não dormia nem estava accordado; era um es-  
tado de entorpecimento de abstracção que não  
sei explicar.

Eu via ao meu lado, a minha mulher, a minha  
querida enfermeira que nem um momento se af-  
fastava de mim, sempre risonha sempre anima-  
dora, afogando heroicamente as lagrimas que a  
cada momento lhe acudiam aos olhos, via ao meu  
lado o meu cunhado Jorge que me acompanhou  
em toda a doença como o mais dedicado dos en-  
fermeiros, via mais duas ou tres pessoas, mas sentia  
um silencio profundo, enorme, o silencio que se  
sente quando se atravessa uma grande planicie  
deserta, e ao mesmo tempo experimentava um  
bem estar ineffavel, indizivel e parecia-me que ia  
ficar assim sempre, como que suspenso n'essa  
atmosfera mysteriosa e vaga.

De repente despertou-me a presença de dois  
vultos novos. Eram o dr. Korth e o dr. Furtado.

Desci á terra.  
Fallei-lhes, mas notei que a jovialidade com que  
o Korth me fallava era muito differente da sua  
jovialidade habitual, tinha o seu quê bem eviden-  
te de posição, de forçado.

O dr. Furtado com a serenidade inalteravel que  
é um dos seus caracteristicos disse-me então que  
era necessario dar uns golpes n'um tumor que  
nos ultimos dias me apparecera e tomára rapida-  
mente proporções colossaes.

Disse-lhe que sim, que fizesse o que entendesse,  
que me entregava nas suas mãos.

A primeira operação fez-se e foi então que eu  
percebi ao ver o que de mim sabia, o que era o  
que tinha, o perigo enorme em que estava, o en-  
venenamento do sangue pelo acido urico.

E confesso que n'esse momento, ao reconhecer  
a gravidade extrema do meu estado e ao ver me  
entregue nas mãos d'aquelle rapaz tão novo, que  
eu conhecia da vespera, que não tinha atraz de si  
longos annos de clinica a fazerem-lhe auctorida-  
de, tive uns segundos de desconfiança, de medo.

E esquecendo deante d'este supremo cuidado  
da conservacão propria, as dores horrosas que  
estava soffrendo, puz-me a olhar um pedaço para  
aquelle rapaz a quem eu confiara a minha vida,  
que podia com o mais pequeno descuido atirar-  
me para o outro mundo.

Olhei para elle e vi-o com tanta serenidade,  
com tanto sangue frio e com tanta firmeza cor-  
tando e retalhando em mim, sem a mais ligeira  
hesitação como quem tem a sciencia e a consciencia  
do que está fazendo, como, quem tem a cer-  
tesa de vencer, que a confiança renasceu-me de  
repente, enorme, profunda, illimitada.

E nunca houve confiança mais bem collocada  
do que essa.

A lucta foi demorada mas a alta sciencia, a  
inexcedivel dedicacão do Dr. Furtado triumphar-  
am do mal e foi com uma alegria de verdadeiro  
amigo que elle uma noute me disse abraçando-  
me:

— Dou-lhe os parabens, desde hoje entrou em  
convalescença.

E mesmo n'essa convalescença que tem sido  
demorada elle e o Dr. Korth me tem acompaña-  
do dia a dia, com um cuidado extremo, muito  
mais de amigos que de medicos.

Depois d'isto comprehendem bem decerto que  
eu tenha uma verdadeira adoracão por esses dois  
illustres medicos, pelo Dr. Furtado que me salvou  
a vida, pelo Dr. Korth que conhecendo o perigo  
em que eu estava e comprehendendo que era o  
momento da medicina ceder o passo á cirurgia,  
me foi buscar aquelle grande operador que é já  
uma das glorias mais brilhantes da cirurgia por-  
tuguesa e que seria das mais apregoadas e famo-  
sas se fossem do dominio publico todas as opera-  
ções gravissimas e dificeis que elle tem feito *sans  
tambour ni trompette* durante os seus seis mezes  
de clinica em Lisboa, todas as curas que elle tem  
levado a cabo, desde que veio de fazer em Paris  
tirocinio da sua especialidade, sob a direcção do  
Dr. Guyon, o mestre dos mestres.

Comprehendendo a amisade e a gratidão que  
eu devo a esses dois homens que me arrancaram  
á morte de que tão proximo estava já, descul-  
pam-me de certo o ter gasto quasi toda a primei-  
ra chronica do anno novo fallando de mim e da  
minha doença.

Do anno novo de resto nada ha que dizer. Nas-  
ceu hoje, ainda não tem biographia.

Do anno velho sim, d'esse havia muito que fal-  
lar, mas não serei eu quem falle d'elle, porque  
não posso nem devo dizer mal d'um anno que se  
para mim teve um mez terrivel, por fim arrepen-  
deu-se dando-me no seu ultimo mez as alegrias  
ineffaveis da resurreição.

Emquanto á chronica de Lisboa, essa não lh'a posso eu secrever hoje ainda mettido dentro das restricções e dos cuidados da convalescença.

E por isso não fiz muito mal fallando da minha vida, porque da vida Lisboaeta nada posso fallar.

Sei que no mundo politico se fecham as camaras n'um dia, para se abrirem d'ali a dois dias e para se tornarem a fechar no dia seguinte; sei que no mundo policial, houve um grande acontecimento, a descoberta d'uma quadrilha de gatumos espertos, todos hespanhoes, quadrilha que fez um roubo importante no Chiado, um cofre com 30 contos de valores e que ha suspeitas de ter feito muitos outros roubos por essa cidade de Lisboa, cabendo as honras da descoberta d'esses larapios ao illustre commissario de policia o Dr. Pedroso de Lima, que n'esta deligencia deu mais uma brilhante prova do seu notavel tacto policial e do seu inexcedivel zelo; sei que no mundo theatral ha duas bellas que despertam no nosso publico um enthusiasmo atheniense, a bella Geraldine e a bella Zephora, sei... Perdão, não sei mais nada senão que tenho que agradecer aos dois illustres escriptores que durante a minha ausencia tão brilhantemente me substituíram n'estas minhas chronicas e aos meus leitores a paciencia com que me aturaram as minhas impertinencias de convalescente n'esta chronica de anno novo.

Gervasio Lobato.

## EGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA EM GUIMARÃES

A gravura com que illustramos a primeira pagina do presente volume, representa um dos monumentos religiosos mais notaveis de Portugal, a que está ligada a historia da hoje cidade de Guimarães, berço da monarchia portugueza, theatro de tantas luctas para firmar esta monarchia e por isso de gloriosas recordações, e bons exemplos de civismo e amor patrio de tempos que vão longe.

Em presença, pois, de tão importante monumento, não duvidamos dispôr de um maior espaço dedicado á sua historia, e de para isso nos socorrermos do que deixou dito o fallecido escriptor e sabio investigador da historia patria, Ignacio de Vilhena Barbosa, no seu bello livro *Monumentos de Portugal*.

E' tão completa e interessante a noticia que Vilhena Barbosa nos dá d'este monumento, que tudo que dissessemos sobre tão importante assumpto, seria insufficiente.

Sigamos, pois, a sua historia desde a primitiva fundação do mosteiro:

«Nos principios do seculo x governava a provincia de Entre Douro e Minho, em nome dos reis de Leão e das Asturias, D. Hermenegildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Porto, casado com D. Muma, ou, como então diziam Mumadona, tia de D. Ramiro II, rei d'aquelles estados.

«Ficando viuva, e possuidora de avultados bens, a condessa Mumadona resolveu fundar um mosteiro, com o fim de suffragar a alma do esposo, que tanto amára, e de buscar um asylo, onde visse o resto de seus dias retirada do mundo, e só para Deus.

«Entre as numerosas propriedades legadas pelo conde D. Hermenegildo a sua mulher e seus filhos, havia uma quinta situada na provincia de Entre o Douro e Minho, a pouca distancia do rio Ave, e perto do ribeiro Celho, denominada *Vimarões* ou *Vimaranes*, do nome de uma aldeia, que lhe ficava proxima. N'esta quinta, pois, que coubera em partilha a sua filha D. Urraca, e que esta trocará por outra pertencente a sua mãe, deu principio a condessa Mumadona á fundação do mosteiro pelos annos 927 a 929, depois de obtidas as licenças necessarias. Concluidas as obras doou o mosteiro á ordem benedictina, fazendo-o povoar de monges e freiras. Era n'esses tempos muito usada esta pratica de habitar no mesmo convento frades e freiras, mas inteiramente separados em duas partes do edificio, que não tinham communicação entre si, sendo apenas commum o templo, no qual as duas comunidades religiosas assistiam aos officios divinos, em lugares tambem separados e distantes um do outro.

«Chamavam-se *mosteiros duples*. Diversas razões originaram esta pratica. A principal era, sem dúvida, a pobreza d'aquella idade, que tornava difficil, por falta de meios, a edificação de mosteiros. Nos mosteiros duples poupavam-se as despesas da

construção de uma igreja, pois que o mesmo templo servia para os dois conventos de religiosos e religiosas.

«Auctorizada pelo testamento de seu marido, que lhe permittira dispôr da quinta parte dos seus bens em beneficio dos desvalidos e dos peregrinos, para amparo de orphãos e viúvas, e para fundações religiosas, fez doação ao mosteiro de muitas quintas, terras, marinhãs e outras propriedades, vasos sagrados, cruzes, castiças, lampadas, paramentos e outras alfaías para adorno do templo e exercicio do culto, sinos para a torre, livros de reza, roupas, moveis e utensilios para uso dos monges e monjas; e para o serviço dos mosteiros e da lavoura de algumas terras visinhas 30 cavallos, 70 eguas e 50 muars. Não havia então em toda a provincia cenobio mais ricamente dotado do que este.

«A condessa Mumadona dedicou a igreja a Nossa Senhora e ao Salvador do Mundo, e recolheu-se ao mosteiro das religiosas.

«Apesar das grandes despesas de construção e ornato, e de todo o necessario para commodidade dos moradores do edificio, e não obstante a doação de muitas propriedades, para a sua sustentação, ainda restaram á fundadora importantes bens, cujos rendimentos eram por ella applicados em socorrer a pobreza, consolando e enxugando as lagrimas, por diferentes modos, aos infelizes.

«Attrahidos por tão continuados actos de caridade, e pela vida exemplar dos religiosos, vieram aninhar-se á sombra do sanctuario muitos habitantes da proxima aldeia de Vimaranes e outros que viviam solitarios por aquelles arredores, tirando parco e mesquinho sustento dos pequenos tratos de terreno, que cultivavam. Aquella aldeia e esta povoação constituiram o burgo, mais tarde villa, e hoje cidade de Guimarães.

«Na epocha em que se levou a effeito esta fundação, já a provincia de Entre Douro e Minho estava inteiramente desaffrontada de mouros. Porém, não estava isenta das terribes invasões d'esse povo guerreiro que abria caminho a ferro e a fogo pelo meio das povoações indefezas, deixando atraz de si longo rasto de sangue e de cinzas. Não se julgando, pois, em segurança no seu asylo de paz, nem os seus bons religiosos, contra as correrias dos infelizes, mandou construir perto do mosteiro, junto á aldeia de Vimaranes, um castello para defensa d'aquelles lugares, e que em caso de necessidade offerecesse refugio seguro aos moradores do convento e da povoação.

«Depois do fallecimento da condessa Mumadona, o mosteiro continuou a opulentar-se com as doações, que lhe fizeram os descendentes da fundadora. Mas quando se achava n'estas circumstancias tão prosperas, as vicissitudes da sorte descarregaram-lhe um golpe cruel. Correndo o anno de 967 foi invadida a provincia de Entre Douro e Minho por um exercito sarraceno, capitaneado pelo feroz Al-Coraxi, rei de Sevilha. Os invasores assaltaram tão repentinamente, durante a noite, o mosteiro de Nossa Senhora e o burgo visinho, que os seus moradores, não todos, mal tiveram tempo de se refugiarem no castello da condessa Mumadona, sem poderem levar consigo o seu movel mais precioso. Assim cahiram a povoação e o mosteiro em poder dos mouros, que destruíram a primeira, e devastaram o segundo, levando d'elle um rico despojo.

«Graças aos seus avultados rendimentos, conseguiram os religiosos, em um breve periodo, reparar os estragos no edificio, e guarnecel-o com as alfaías e moveis precisos. Porém passado pouco tempo sobreveiu-lhe uma igual calamidade. D'esta vez vinha á frente do exercito inimigo o celebre Al-Mansor, aquelle valente e ousadissimo general musulmano, que foi o terror das populações christãs pela sua audacia e crueldade. O mosteiro e o burgo foram novamente roubados e assolados; e o castello esteve quasi a ser tomado por tão implacavel inimigo. E sel-o-ia, de certo, se os mouros prolongassem o cerco, porque não se achava a fortaleza abastecida sufficientemente de viveres para alimentar por muito tempo a grande quantidade de gente, que se acolhera dentro de seus muros.

«Pretendem alguns auctores que o castello fôra tomado pelos mouros n'estas duas invasões. Os escriptores que emittem esta opinião não a auctorisam com prova alguma, nem razão plausivel.

«Na verdade poucas memorias nos restam d'esses tempos tão remotos. Passava-se a maior parte dos acontecimentos sem que fôssem registados nos archivos da historia. Todavia, nos mosteiros, embora não tivessem ainda chronistas, eram commemorados por algum modo, escripto ou gravado, os grandes successos que lhe diziam respeito, taes como a sua fundação, acommettimentos e perse-

guições de mouros, etc. Foi por esta forma, sem duvida, que chegou ao nosso conhecimento a noticia da fundação do mosteiro e do castello, e d'aquellas invasões. Se d'estas ultimas se perderam, no correr dos tempos, as memorias escriptas contemporaneas, foram estas substituidas pelas tradicionaes. Parece-me pouco provavel, attendendo á riqueza da fundadora, e á necessidade que havia de defensa para o seu mosteiro, que 37 ou 38 annos depois da fundação d'este cenobio não estivesse ainda o castello, senão inteiramente concluido, pelo menos em circumstancias de offerecer tenaz resistencia ao inimigo. E ainda menos provavel me parece, que fosse tomado pelos mouros, sem que estes fizessem grande morticínio nos christãos, segundo costumavam fazer nas suas invasões, como represalias, quando se apoderavam de povoações, fortalezas e mosteiros. Se encontravam resistencia, passavam ao fio da espada todos os christãos, como estes fazem n'elles a seu turno, quando eram vencedores. Mas ainda que não achassem resistencia, não deixavam de cevar a sua vingança no sangue dos captivos. Ora as memorias, que nos dão noticia do saque dado pelos mouros na povoação e no mosteiro, não deixariam em silencio o morticínio feito no castello, se fôsse por elles entrada a fortaleza. Mas ainda que não se dê peso a estas considerações e se admitta como um facto incontestavel a tomada do castello pelo exercito de Al Coraxi no anno de 967, não é crível que, depois de tão dura provança, estivesse por concluir esta fortaleza no anno de 968, ao tempo da segunda invasão, capitaneada por Al-Mansor. Em negocio de tamanho interesse para os monges, que dispunham de grossas rendas, e para os populares do visinho burgo, que tinham numerosos braços validos, o periodo de mais 32 annos, era sufficiente para se construir desde os alicerces um castello de tão pequena area, como o de Guimarães, quanto mais para acabar uma fortaleza, que andava em construção ha tantos annos.

«N'este castello, da invocação de S. Mamede, e doado ao mosteiro pela condessa Mumadona, estabeleceram a sua residencia, e a sua córte na qualidade de soberanos de Portugal, o conde D. Henrique de Borgonha e a sua mulher a rainha D. Thereza. Nas paços d'esta fortaleza, dos quaes ainda restam bastantes vestigios para se ajuizar da sua architectura, e divisões interiores, nasceu D. Affonso Henriques, o illustre fundador da monarchia, aos 25 de julho de 1109.

«Foi extinto o mosteiro sob o governo do conde D. Henrique de Borgonha, que fez da igreja de Nossa Senhora capella real, alcançando bulla pontificia para a sua erecção em collegiada com um dom prior e conegos. Parece que se effectuou esta reforma em 1109. O mesmo soberano deu principio á reedificação da igreja, que sómente se acabou nos fins do reinado de seu filho, em 1172. Supponho, porém, que não se procedeu a uma reconstrução *á fundamentis*, e que os trabalhos não proseguiram em todo esse comprido periodo, antes pelo contrario teriam longas interrupções, pela razão de que, passados pouco mais de dois seculos, periodo que não é muito dilatado para a existencia de edificios d'este genero, achava-se a igreja bastante arruinada, quando el rei D. João I se propoz a reedificá-la.

«D. Affonso Henriques augmentou muito o lustre d'esta collegiada, impetrando e obtendo dos summos pontifices novas prerogativas, que a elevaram quasi ás honras de uma sé.

«Até aos principios do ultimo quartel do seculo xiv a antiquissima imagem da Virgem, que se venera n'aquella collegiada, não tinha denominação alguma particular. A invocação tanto da imagem, como da igreja, era simplesmente de *Nossa Senhora*. Eis a lenda que deu origem ao titulo de *Nossa Senhora da Oliveira*.

«No começo do seculo xiv existia junto da igreja de S. Torquato, uma legua distante de Guimarães, uma frondosa oliveira, que dava o azeite para a lampada do santo. Foi esta oliveira arrancada, transportada para Guimarães, e ahí plantada de frente da porta da collegiada de Nossa Senhora, sem duvida com o intento de que prestasse á imagem da Virgem igual serviço ao que até então prestára a S. Torquato. Seccou logo a arvore, e secca a deixaram ficar no mesmo lugar, e assim se conservou até ao anno de 1342, em que Pero Esteves collocou a par da oliveira uma cruz, que seu irmão, Gonçalo Esteves, comprara na Normandia e a trouxera para Guimarães. Foi collocada alli a cruz aos 8 de setembro do referido anno, e tres dias depois reverdeceu a oliveira, deitando novos rebentões, e cobrindo se de folhagem viçosa. Divulgou-se instantaneamente por toda a villa a noticia do successo. Correram em tropel os fieis a presenciarem o prodigio, e a pros-

trarem-se cheios de devoção perante a santa imagem da Virgem, que d'ahi em diante cresceu em fama de milagrosa sob a invocação que os devotos lhe deram de *Nossa Senhora da Oliveira*.

(Continúa).

R.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A VOLTA DOS BARCOS

QUADRO DE SOUSA PINTO

*A volta dos barcos*, é o titulo do bello quadro que o sr. Sousa Pinto expôz no ultimo *Salon* de Paris, e este titulo conta logo a historia da scena que temos deante dos olhos, tal é a expressão das

Foi uma surpresa esta noticia, porque não se sabia em Lisboa que o illustre diplomata estivesse doente, e a impressão que ella produziu foi do maior sentimento.

Está ainda na memoria da sociedade lisbonense as preciosas qualidades de character, a grandeza d'animo e primoroso trato do sr. marquez de Penafiel, largamente reveladas durante o tempo que viveu n'esta capital, no seu palacio da rua de S. Mamede, onde se reunia amiudadas vezes, a flor da nossa sociedade, em esplendidas festas, modelos de bom gosto e de bizarra fidalguia.

Vão passados vinte annos que essas festas fizeram epoca em Lisboa, e ainda hoje são recordadas, como não esquecem as festas dos condes de Farrobo e marquezes de Vianna.

Mas se em Lisboa o sr. marquez de Penafiel deixou as mais gratas recordações, não foi menos sentida a sua morte, na corte Berlim, onde o illustre diplomata era muito estimado pelos soberanos e por toda a corte e onde o seu funeral foi motivo das mais significativas provas de alta estima

habitação principesca, onde a arte e o bom gosto tiveram o seu culto.

Ali, como dissemos, se realisaram os mais esplendidos bailes, banquetes e *soirees* a que Lisboa tem assistido, realçados pelos primores inextinguíveis dos marquezes de Penafiel.

Por 1874 foram os marquezes de Penafiel viver para Paris, e venderam toda a rica mobilia do seu palacio de Lisboa.

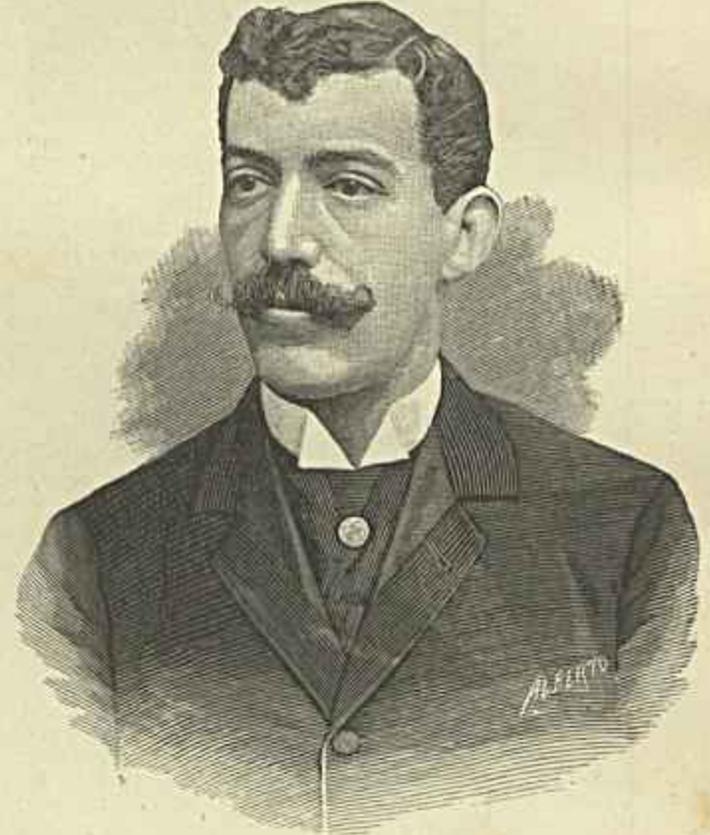
Foi em 1880 que Fontes Pereira de Mello convidou o sr. marquez de Penafiel para ministro de Portugal, na corte de Berlim, então legação de segunda classe, logar que acceitou e foi occupar, desempenhando-se d'elle com a mais reconhecida competencia.

Uma das mais importantes commissões que desempenhou no alto cargo que exercia, foi por occasião da conferencia de Berlim, em 1885, em que tomou parte nos trabalhos da conferencia com o sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel e Luciano Cordeiro, delegados do governo portuguez.

O sr. marquez de Penafiel era par do reino, of-



DR. JOÃO D'KORTH



DR. ARTHUR FURTADO PEREIRA

Vid. Chronica Occidental

figuras e o logar onde se encontram perfeitamente pintado com toda a cor local e sentimento.

A scena passa-se na Povoa de Varzim, e é uma d'essas scenas vulgares de vêr na praia, em povoação de pescadores. Aquella velha e aquellas duas crianças que com ella se conchegam, seguem attentas com a vista os barcos de pesca que lá do largo voltam para terra, luctando com o mar alteroso, e n'esses barcos alquem esperam que lhes pertence e já lhes tarda, pelo que vem ao seu encontro.

Os typos, perfeitamente estudados, são de uma grande verdade; a praia é vasta e dentro dos limites do quadro bem achada a sua linha prespectiva. Os accessorios compõem bem e dão ao quadro toda a realidade da scena.

Este quadro é mais uma obra notavel do sr. Sousa Pinto, pintor de reconhecido talento que é já uma gloria da arte portugueza.

### MARQUEZ DE PENAFIEL

O telegrapho acaba de nos transmittir a noticia do fallecimento, em Berlim, do ministro de Portugal junto d'aquella corte, marquez de Penafiel.

e consideração, tanto por parte do governo allemão, como por parte de todo o corpo diplomatico.

Antonio José da Serra Gomes 1.º marquez e 2.º conde de Penafiel, nasceu no Maranhão a 30 de agosto de 1819. Filho de Antonio José Gomes, natural de Portugal e de D. Carlota Joaquina da Serra Freire, natural do Brazil, ambos fallecidos, veio para Lisboa addido á legação do Brazil n'esta cidade.

Em Lisboa casou com a sr.ª D. Maria d'Assumpção da Matta de Sousa Coutinho 1.ª marqueza e 2.ª condessa de Penafiel, Dama de Honor de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, Dama da Ordem de S. João de Jerusalem, 9.ª sr.ª do Officio de Correio-mór do Reino.

Foi pelo seu casamento, que adquiriu o titulo primeiro de conde e depois de marquez de Penafiel, tendo-se naturalisado portuguez em 14 de fevereiro de 1861.

Possuidor de uma grande fortuna, soube gozala e susteatar a grandeza da sua fidalguia, transformando completamente o antigo palacio do Correio-mór, solar do 1.º conde de Penafiel, n'uma

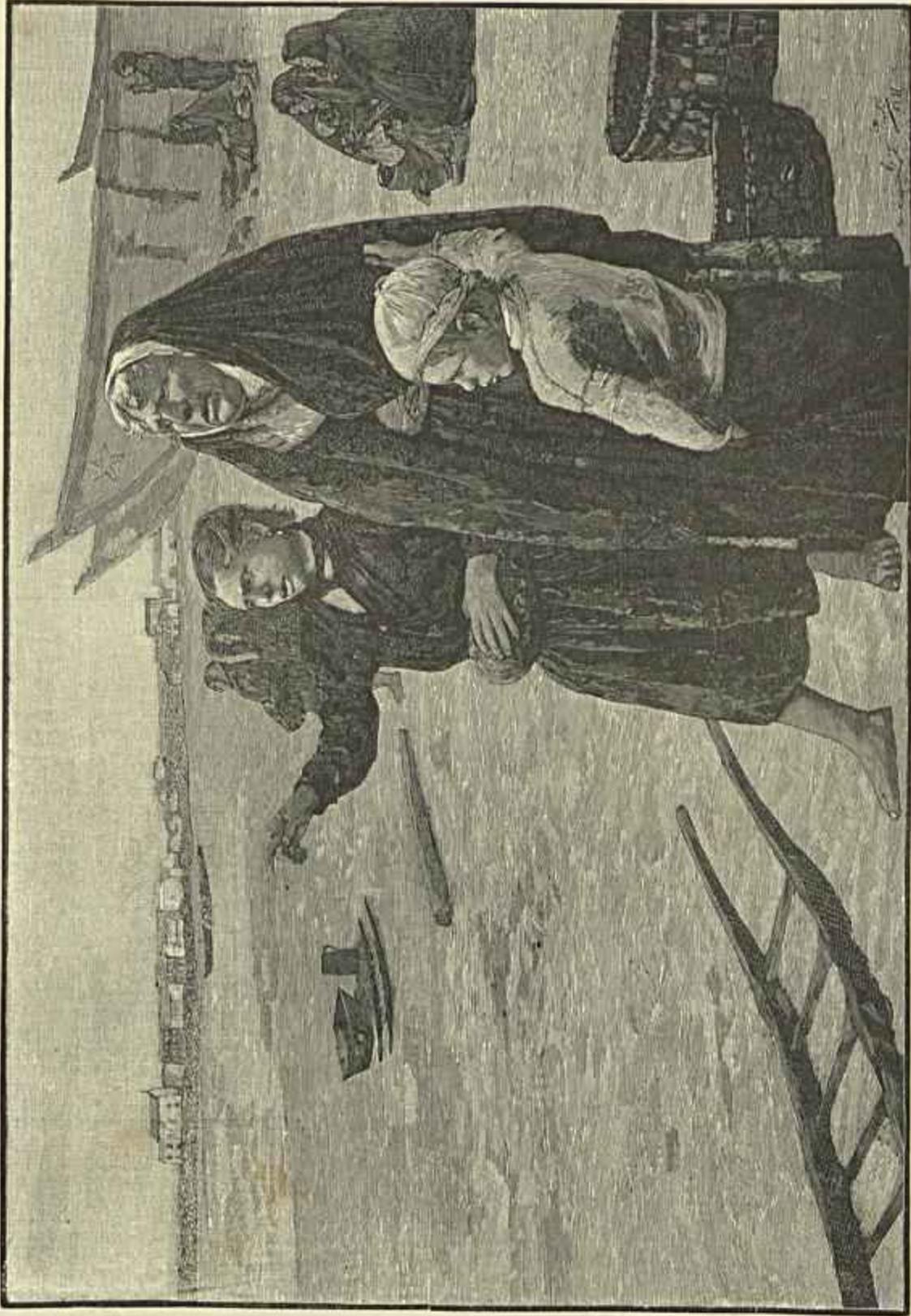
ficial-mór honorario; grã-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; commendador da Ordem de Christo; da Aguia Vermelha da Prussia; da dos principes de Hohenzollerin; grã-cruz de Alberto o Valoroso da Saxonia; de Madjidie, da Turquia; da de Ernesto de Saxe-Coburgo-Gotha; official da Legião d'Honra; official da Rosa, do Brazil; official da Instrucção Publica, de França, etc.

Do seu casamento nasceram dois filhos, o sr. Manuel Antonio Maria Apolonia Gomes da Matta de Sousa Coutinho, 3.º conde de Penafiel, official mór da Casa Real; commendador da Ordem de Christo; cavalleiro da Ordem de Malta; secretario da legação portugueza, em Berlim; Bacharel em Lettras e licenciado em Direito pela Universidade de Paris; e a sr.ª D. Maria d'Assumpção Magdalena Catharina Gomes da Matta de Sousa Coutinho.

### A MÃE DE CAMÕES

Ninguem mais do que eu respeita o nome illustre do sr. conselheiro Wilhelm Storck, de Munster; ninguem mais do que eu reconhece o

BELLAS-ARTES



A VOLTA DOS BARCOS — QUADRO DE SOUZA PINTO

importante serviço que elle prestou ao nosso paiz, traduzindo para verso allemão as poesias de Camões e escrevendo um volume ácerca da sua vida; trabalhos que a Academia Real das Sciencias de Lisboa galardoou com toda a justiça conferindo-lhe o diploma de seu socio correspondente; e, se a isto se juntarem as relações litterarias que teem havido entre nós ambos por causa da minha Historia do Infante D. Duarte, que elle teve a bondade de recomendar com a sua auctoridade ao publico allemão, formar-se-ha ideia da reluctancia que experimento ao escrever estas linhas para combater algumas das suas opiniões contidas n'aquella biographia do grande epico portuguez; mas a verdade está acima de tudo; a vida do auctor dos *Luçtadas* vae-se desfigurando cada vez mais, a força de quererem reconstruila; e é preciso não deixar passar a sombra do nome do sr. Storck, as consequencias que elle tira de premissas, quanto a mim, insubsistentes. É portanto a importancia que ligo a tudo quanto respeita ao maior dos nossos poetas e a propria consideração pelo sr. Storck o que me leva a dissentir no presente caso das suas opiniões.

Possão, graças á generosidade do seu auctor, a *Vida de Luiz de Camões* (*Luis de Camoens Leben*); mas a minha ignorancia da lingua allemã tem feito infelizmente com que não possa apreciar-a conforme desejo. Essa contrariedade vae desaparecer dentro em pouco; a benemerita escriptora, a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a quem tanto já são reconhecidas as nossas lettras, verteu, ou está vertendo, a obra para portuguez, e tenciona publical-a acompanhada de notas elucidativas, com o que ella ganhará de certo muito, attenta a sufficiencia da traductora e annotadora. Entretanto, para amostra do trabalho do sr. Storck e da versão, imprimiu-se no numero doze do primeiro volume do *Circulo Camoiano*, que sahio ha pouco, uma parte de um dos seus capitulos, e é n'esta parte que recabe a minha modesta critica.

São varias as asserções do sr. Storck; e um dos seus principaes fundamentos resulta da erronea interpretação de uma passagem da bella e conhecida canção que principia:

Vinde cá, meu tão certo secretario,

contada umas vezes como a decima e outras como a undecima nas obras de Camões.

Logo no começo diz o sr. Storck: «N'aquella incomparavel canção... temos fragmentos de uma autobiographia do poeta, lançada a largos traços.» E mais adiante, depois de elogiar as belezas d'ella: «Ha n'estas estrophes referencias á infancia, e mesmo ao nascimento do poeta que são preciosas. Ouçamos as confissões do varão que preve os olhos para traz, meditando e suspirando:

Quando vim da materna sepultura  
De novo ao mundo, logo me fizeram  
Estrellas infelizes obrigado.  
Com ter livre alvedrio, m'ò não deram,  
Que eu conheci mil vezes na ventura  
O melhor, e o peor segui forçado.  
E para que o tormento conformado  
Me dessem com a idade, quando abrisse  
Inda menino os olhos brandamente,  
Mandam que diligente  
Um menino sem olhos me ferisse.  
As lagrimas da infancia já manavam  
Com uma saúde namorada;  
O som dos gritos que no berço dava  
Já como de suspiros me soava.  
Co'ò fado estava a idade concertada,  
Porque, quando por caso m'embalavam,  
Se de amor tristes versos me cantavam,  
Logo me adormecia a natureza:  
Que tão conforme estava co'a tristeza.

Foi minh'ama uma fera; que o destino  
Não quiz que mulher fosse a que tivesse  
Tal nome para mim; nem a haveria.  
Assim criado fui, por que bebesse  
O veneno amoroso de menino,  
Que na maior idade beberia,  
E por costume não me mataria.

«A figura pouco vulgar usada nas linhas 41 e 42—quando vim da materna sepultura de novo ao mundo—torna verosimil a interpretação seguinte, ou, antes, não admite senão esta unica: que o nascimento de Camões custou a vida de sua mãe. Calderon de la Barca, que, sem duvida alguma conhecia e estimava as obras de Camões, como as conheciam e estimavam Fernando de Herrera, Miguel de Cervantes, Lope de Vega e Tirso de Molina, emprega a mesma phrase em sentido

identico mais do que uma vez. Além d'isso, ha outra expressão immediata na mesma estrophe que está de accordo com a minha explicação: a criança recém-nascida teve que lamentar chorando «as estrellas infelizes» que «logo» a tornaram «obrigada».

As palavras—materna sepultura—só se podem entender por sepultura onde está morta a mãe ou feita para guardar os seus restos ou por sepultura formada pelo corpo da mãe. É inadmissivel no caso sujeito o primeiro sentido, e admissivel o segundo, a saber: quando sahi do ventre materno, onde estava como que n'uma sepultura; pois assim se diz com toda a propriedade do infante que, antes de nascer, n'elle se acha encerrado e sem vida para o mundo.

Faria e Sousa commentando este mesmo passo escreve: «Sepulcro vivo de la vida es el ventre de una muger preñada. Asi la llama Merlin Coyayo en su Triperuno, Selva I:

Così piu mesi in quella tomba involto  
Io, pronto spirito, nella carne infirma  
Steti, non pur prigione, ma sepolto.

E na *Prophecia* de Jeremias, cap. XX versiculo XVII lemos:

«Qui (scilicet: Maledictus vir qui) non me interfecit à vulva, ut fieret mihi mater mea sepulchrum, et vulva ejus conceptus eternus.

Ambas estas citações me justificam; e ambas ellas são frisantissimas. As palavras—quando vim da materna sepultura—não incluem portanto, como aquellas também não incluem, a ideia da morte da mãe na occasião do parto; applicam-se em relação ao infante, ou esteja a mãe viva, ou tenha fallecido; como se applicam só a D. Sebastião independentemente da morte ou da vida dos animaes ferozes, os seguintes versos de Diogo Bernardes:

As feras e as aves carniceiras  
Vos deram em seus ventres sepultura;

e só a Clorinda estes que Tasso faz dizer a Tancredo:

Io pur verrò là dove siete, e voi  
Meco avrò, s'anco siete, amate spoglie.  
Ma s'egli avvien che i vaghi membri suoi  
Stati sian cibo di ferine voglie,  
Vo'che la bocca stessa anco me ingoi,  
E'l ventre chiuda me, che lor raccoglie.  
Onorata per me tomba e felice,  
Ovunque sia, s'esser con lor mi lice.

Sinto não conhecer as phrases de Calderon de la Barca, que o sr. Storck julga serem empregadas no mesmo sentido; mas duvido-o: é de certo má interpretação. De mais, se Camões pretendesse exprimir que o seu nascimento custara a vida a sua mãe, esta desgraça, que deve ser considerada por um filho a maior das desgraças, fora descripta com as expressões de dor correspondentes, e seria, logo ao entrar na vida, a funebre porta de todos os seus infortunios. Com effeito, que logar mais adequado, se isso fosse verdade, para lamentar a sorte de sua infeliz mãe, e para expandir o seu amor filial em vehementes e dolorosas queixas! Não o fazer, referindo-se a tão lamentavel acontecimento, parece bastante prova só de per si de que as palavras—materna sepultura—não podem significar o que o sr. Storck pretende; e admira que este sr., concluindo mais adiante, como veremos, que o poeta não conheceu sua mãe, morta á sua nascença, pelo facto de a não mencionar nas suas obras, não attentasse que deixou de fallar n'ella n'esta occasião, que era opportunissima, e não tirasse d'ahi a consequencia que acabo de apontar.

Quando vim da materna sepultura  
De novo ao mundo,

quer portanto dizer simplesmente—mal nasci—; e:

Logo me fizeram  
Estrellas infelizes obrigado:

que—apenas nasci, fiquei sujeito ao influxo da minha má estrella—; peio que em nada completam estes dois versos, nem podiam completar, o sentido que o sr. Storck suppoz no verso e meio transcriptos antes.

«Creio reconhecer, continúa o sr. Storck, a confirmação das minhas ideias sobre a morte prematura da mãe do poeta, immediata ao seu nascimento, em mais algumas passagens das suas obras, alem da canção já citada. Sirvam de exemplo duas estrophes da cantiga em endechas, dirigida a el-

rei, em que o vate lamenta a sua estrella adversa, cantando:

Naciendo mesquino,  
Dolor fué mi cama!  
Tristeza fué el ama!  
Cuidado el padrino!  
Vestióse el destino  
Negra vestidura;  
Huyó la ventura!  
No se halló tormento  
Que allí no se hallasse,  
Ni bien que pasasse  
Sino como viento.  
Oh! que nacimiento,  
Que luego en la cuna  
Me siguió fortuna! (1)

«Os mesmos negros pensamentos se repetem em um soneto, a que dei o titulo *Fantasia sepulchral* (*Grabes-gedanken*). Ouçam o ultimo terceto:

Na vida desamor sómente vi;  
Na morte a grande dor que me ficou;  
Parece que para isto só nasci.»

Não posso atinar, por mais que o procure, com o que n'estes versos confirma a inducção do sr. Storck sobre a morte da mãe do poeta immediata ao seu nascimento. São tudo termos geraes de que a desventura o perseguia desde o berço, e allusão á morte de uma pessoa, que não nomeia, nem diz quando falleceu.

Pelas palavras que vimos do sr. Storck, no texto e nas que põe em nota, ha tambem testemunhos a favor da sua opinião nas outras estrophes da chamada cantiga em endechas e no restante do soneto; e por isso aqui transcrevemos o que falta das duas poesias, para conhecimento dos leitores.

A cantiga consta do mote

Dó la mi ventura,  
Que no veo alguna;

e das suas voltas em cinco estrophes, das quaes a primeira é:

Sepa quien padece  
Que en la sepultura  
Se esconde ventura  
De quien la merece.  
Allá me parece  
Que quiere fortuna  
Que yo halle alguna.

Segue com a segunda e a terceira que já conhecemos, e termina com as duas ultimas d'este teor:

Esta dicha mia,  
Que siempre busqué,  
Buscandola, hallé  
Que no la hallaria;  
Que quien nace en dia  
D'estrella tan dura  
Nunca halla ventura.  
No puse mi estrella  
Mas ventura en min;  
Ansi vive en fin  
Quien nace sin ella.  
No me quejo della;  
Quejome que atura  
Vida tan escura.

O soneto completo é:

Que poderei do mundo já querer,  
Pois no mesmo em que puz tamanho amor  
Não vi senão desgosto e desfavor,  
E morte emfim; que mais não pode ser.  
Pois me não tarta a vida de viver,  
Pois já sei que não mata grande dor,  
Se houver cousa que magoa de maior,  
Eu a verei; que tudo posso ver.  
A morte, a meu pezar, me assegurou  
De quanto mal me vinha; já perdi  
O que a perder o medo me ensinou  
Na vida desamor sómente vi;  
Na morte a grande dor que me ficou:  
Parece que para isto só nasci.

Como se colhe da leitura, estes versos estão no mesmo caso dos primeiros. Nada pois confirma a opinião do sr. Storck; nem acredito que as endechas fossem dirigidas a el rei, embora o sr. Storck não seja o unico a affirmal-o, nem me parece que signifiquem mais do que um capricho ou brinco

(1) «As estrophes seguintes são outros tantos testemunhos a favor da minha opinião».

poético, segundo a indole das glosas e das voltas que são uma espécie d'ellas.

«Se Anna de Macedo, escreve ainda o sr. Storck, não sobreviveu ao nascimento de seu filho, a explicação mais natural das palavras «*foi minha ama uma fera*», que se offerece, é que o pae viuvo, Simão Vaz, escolheu para o orphão, sem mãe, uma ama, sendo infeliz na escolha, porque a palavra *fera*, com que o poeta designa aquella que o amamentou significa em sentido real um animal bravo e i-domito, feroz e carniceiro, e em sentido figurado uma pessoa cruel.»

Para refutar esta parte basta ler de novo o trecho da canção que vae no principio; comtudo, para maior clareza do meu pensamento, exporei como entendo esse trecho:

Mal nasci, obrigaram-me ao seu influxo estrellas infelizes. Dotado pela natureza de livre vontade, não m'a concederam, porque, embora conhecesse, quando venturoso, muitas vezes o melhor, segui o peor, forçado por ellas: e, para que me dessem um tormento em harmonia com a minha idade, mandaram que, apenas abrisse os olhos á luz do dia, me ferisse o amor (um menino sem olhos). As lagrimas da infancia já então manavam com uma saudade namorada; o som dos meus gritos no berço já me soava como de suspiros; n'isto andavam de mãos dadas a idade e a minha sorte, pois quando me embalavam, se por acaso me cantavam tristes versos de amor, eu immediatamente adormecia; tanta era a minha conformidade com a tristeza.

Minha ama foi uma fera (o amor, aquelle tormento que a sua má estrella lhe poz logo junto do berço); não quiz o meu destino que o fosse uma mulher; nem para mim a haveria (isto é, para um ente tão desventurado como elle). Assim (tendo o amor por ama) fui criado, para que bebesse em criança o veneno amoroso, que, depois de homem, beberia sem que me matasse, por já estar a elle costumado.

E continúa o poeta:

Logo então vi a image e similhaça  
D'aquella humana fera tão formosa,  
Suave e venenosa,  
Que me criou aos peitos da esperança;  
De quem eu vi depois o original,  
Que de todos os grandes desatinos  
Faz a culpa soberba e soberana.  
Parece-me que tinha forma humana,  
Mas scintilava espiritos divinos.  
Um meneco e presença tinha tal,  
Que se vangloriava todo o mal  
Na vista d'ella: a sombra co'a viveza  
Excedia o poder da natureza.

Resumindo em prosa o essencial, estes versos significam:

Logo então vi a imagem d'aquella formosa fera humana (humana, e não incorpora como a outra fera, o amor), tão suave e venenosa, que me deu tantas esperanças, e de que eu vi depois o original, d'essa mulher, que parecia da terra, mas scintilava espiritos divinos, etc.

(Continúa)

Ramos Coelho.

## SCENAS MARITIMAS

(AO BRILHANTE HISTORIADOR BULHÃO PATO)

### I

No dia 27 de setembro de 1810, o brigue *Leal* singrava um pouco ao sul do cabo de Espichel.

Largara o *Leal* da ilha da Madeira, por onde fizera escala vindo do Brazil; e vinha segundo instrucções do almirante inglez, sob cujas ordens servia como aliado por ordem do principe regente D. João, para limpar a costa dos cruzadores francezes.

O brigue não era um navio de guerra nem precisamente um transporte, mas um corsario portuguez immensamente considerado nas côrtes de Windsor e Rio de Janeiro; commandava-o um joven official, bom portuguez, Jorge da Ribeira.

Em terra, designadamente no Rio de Janeiro, faziam-se diversos commentarios sobre a individualidade do capitão Jorge—n'eile tudo era mysterioso; duvidava-se até do nome que usava.

Alguem então muito do paço contava em tom confidencial, que, quando Jorge da Ribeira se apresentou ao principe regente, o monarcha animára a sua estactica phisionomia n'um espanto enorme, indo assim como a exclamar alguma

phrase reflecta de admiração, porém o capitão Jorge, a fim, talvez, de evitar alguma imprudencia, apressou-se a beijar-lhe a mão, e parece ter dito alguma coisa que socegou o principe, pois sua alteza real dirigindo-se seguidamente aos corteões dissera:

—Acabo, senhores, de conceder a este manco, Jorge... da Ribeira, um curso na nossa armada, conheço o como valente marinheiro; senhor ministro e nosso secretario de estado dos negocios da marinha e ultramar, nós, o principe regente do Reino Unido, recommendamos muito o capitão Jorge da Ribeira!

Jorge da Ribeira não saíra do palacio real e estivera toda a noite de 20 de agosto de 1810 em conferencia com o conde de Linhares, então ministro da marinha, que lhe ordenou fazer-se de vela no brigue *Leal* com a esquadra ingleza, sendo portanto a sua derrota para o golpho da Gasconha, com escala pela Madeira. Era isto o que por então se dizia.

Todos estes pormenores davam um tom especial no vulto do joven capitão tornando-o lendario. Sabia-se que elle estivera bastantes annos prisioneiro do grande Napoleão, a quem chamava o *senhor de Buonaparte*, como o conde de Provença; conseguindo depois de alguns annos evadir-se para o Brazil.

Faziam-se commentarios.

Diziam uns que o capitão Jorge era o conde de Sabugal, outros que era o marquez de Loulé; e lembrava-se todos os nomes fidalgos portuguezes que por aquelle tempo Napoleão I tinha no seu brilhante estado maior.

Emfim, no dia 21 de agosto o *Leal* largava da costa do Brazil para a ilha da Madeira, com as suas dezesseis peças de bronze que luziam em faiscas nas portinholas, e os seus noventa e quatro tripulantes atrovavam os ares com os vivas a Portugal e ao capitão Jorge. E no dia 27 de setembro, como dissémos, encontramos o brigue *Leal* balouçando-se garbosamente sobre o azul ferrete do Oceano, destacando o costado negro de uma grande austeridade, sem um friso, um enfeite.

O brigue seguia muito bem amantilhado, coberto de panno em bolina meio-cerrada,—e ás vezes mostrava, como um relampago ao sol quente do outomno, o cobre lizente da curva elegante do patilhão, d'onde ressaltavam borbotões de espuma.

A viagem tinha corrido regular, bom tempo, vento fresco, o estado sanitario da tripulação era bello. De bordo já se differenciava o cabo da Rocca manchando de negro em alguns pontos o azul que o envolvia.

Jorge passeiava no salto a ré. Estava de quarto o immediato José Maria, velho lobo-marinho.

—Então sr. José Maria, o vento ainda não dá para joanetes? Iamos tão bem... parece que o diabo quer rondar ao nordeste!

—Olhe! sôr commandante, se não se importa, arribo um bocadinho e verá como o *Leal* vae por ahí fóra que nem uma toninha.

—Pois arribe. Não está essa manobra contra as instrucções que tenho do Rio.

E accrescentou, olhando os cabos da Rocca e Espichel que lhe ficavam por entre a enxarcia do traquete:

—Sempre enganarei o espirito ao vêr branquear a esteira.

E o senhor immediato.—o velho José Maria, homem dos seus setenta annos, possuidor de essa robustez que só dá o mar, epiderme cor de tijolo, voz de trovão,—mandava a manobra conversando do banco do quarto, a ré, com a maruja; quer estivessem os tripulantes nos golopes que por entravante do mastro de traquete.

O vento saltou ao noroeste e mais abonaçado. O immediato José Maria com o braço esquerdo passado por fóra do brandal grande, ia fumando no seu enorme cachimbo; o cabello cor de linho, mal seguro pelo bonet breado, esvoaçava-lhe a barlavento.

—Chega p'r'as obras de joanete! Grande e traquete! Tira volta ós extingues! Ala braços! —bradava o José Maria com a mão em concha junto á boca servindo-lhe como que de portavóz.

E accrescentava rapido:

—Olha esses briões rapaz, tira a volta! O sôr contramestre, esses rapazes parece que 'stam com medo de subir?

—Sóbe, sóbe gente, dizia o contramestre José Cosme; olhem o *Calhote* como vae correndo pela enxarcia grande.

E, logo, voltando-se para o mastareu de veloxo:

—Mecha-se menino João. Que raio de rapazes! Os rapazes corriam pelas enxarcias, curvando, encolhendo, esticando o corpo como cobras, por

entre os cestos de gavia e pelos vaus de joanete.

Chegaram; o *Calhote* ao joanete grande e João ao de prôa, ao mesmo tempo. E gritaram em voz que a brisa levou por sotavento fóra:

—Está largo!

O velho immediato n'um sorriso aberto de franqueza tentava um olhar carinhoso que mais parecia leonino, em que abrangia a boa brisa, o seu *Leal* e a sua bella rapaziada, como elle chamava ao navio e toda a equipagem.

—Caça! cacem meus filhos que vamos para Portugal! Toca os briões ó João Flôr, Volta a grande. Vae caçando lá na prôa, ó gente!... Volta! Folga um bocadinho os braços a barlavento... assim, volta! Ronda cá a sotavento! Assim... tá bom!

O vento ia alargando um pouco, o brigue aliviava-se da pressão da bolina cerrada.

José tornava para o homem do leme.

—O' timoneiro! *Atão* isto é um a dormir e todos a trabalhar! Ora orce mais, ande até tocar a testa do joanete de prôa!

Acabada a manobra que vimos de referir, o brigue seguia menos enxovalhado do mar. O capitão Jorge, a quem a gente do *Leal* chamava o *Tio* postara-se de encontro á amurada, muito embebedo a deitar o oculo para barlavento.

O *Calhote*, um rapazito dos seus dezoito annos, trigueiro, baixo, olhar vivo, corpo secco, e muito agil, vinha descendo sobre as mãos por um brandal abaixo. O rapaz, quando chegou a altura do cesto de gavia deu com os olhos no *Tio*, suspendeu a carreira, e, saltando para um dos enfrexites da enxarcia grande, olhou na direcção do oculo do commandante. Nada viu; porém logo tirou pelo tempo decorrido de viagem que era o cabo da Rocca. Não esteve com mais delongas e gritou com toda a força dos seus pulmões.

—Terra!

Quando se ouve partir dos vaus de joanete o grito —Terra!— toda a equipagem recebe um choque electrico. Não ha coração que não palpite, olhar que não brilhe, labios que se não arceim n'um sorriso; é como que um toldo de felicidade a cobrir o navio. Esquecem-se os perigos da viagem, os dissabores de uma convivencia forçada. Terra! é como que um armistio em todas as contendas. Vê-se em todos os rostos, defrontando-se jubilosos, expansivos, o assentimento a uma estima expontanea e mutua!

—Terra! sim, disse o *Tio*, mas parece-me que ainda lá não vamos tam depressa... Veja sr. immediato e mande desatracar a artilheria, emquanto eu vou vestir a farda e pôr a espada.

De bordo do brigue já se enxergava o cabo da Rocca semilhando uma ficha azulada-escura...

Ainda bem José Maria não tinha tomado o oculo que lhe entregara o commandante ao dirigir-se para a camara, e eis que a vigia da prôa lá dos vaus de joanete avisa:

—Navio a barlavento!

—E vem sobre nós; murmurou cá em baixo na tolda o velho immediato.

### II

—As armas! mande tocar a postos, sr. immediato, ordenou Jorge da Ribeira que aparecia na tolda com a sua farda de primeiro tenente da armada.

Tocou-se a postos.

Com rapidez extraordinaria toda a tripulação do *Leal* appareceu nos seus respectivos logares, aprestada para o combate.

—Sr. commandante, a artilheria está ás portinholas, disse o José Maria, já de espingarda na mão e machada á cinta; prompto p'ra festa, como elle affirmava.

O navio que estava á vista aproximou-se, em boa marcha, e firmou a bandeira das aguias de Napoleão I com um tiro de peça. Era a corveta *Corsaire*.

No penol do *Leal* subiu velozmente pela adriça a nossa bandeira.

Ao soar o primeiro tiro do brigue tremulavam galhardamente as antigas quinas portuguezas em campo branco.

O silencio abordo era epenas quebrado pelo tinar da espada do commandante, passando em revista a tripulação que encontrou irreprehensivelmente armada de aspecto decidido.

Quando Jorge da Ribeira subiu ao banco do quarto, de espada em punho, onde o sol de setembro chispava relampagos, foi necessario um energico:

—Sentido! do José Maria para que a tripulação não corresse a victoriar o *Tio*.

O capitão Jorge da Ribeira apontando, ora para a adriça em que ondulava o estandarte nacional,

ora para a corveta do imperador dos francezes, dirigiu esta breve allocução á sua gente.

— Marinheiros! vamos estar em frente da morte, e por isso mais proximos de Deus. Aqui, todos somos eguaes; todos somos irmãos. O nosso fim resume-se em pouco— morrer ou torjar a *Corsaire*. É uma corveta de 24; e nós brigue de 16; ninguém o nega. Mas somos portuguezes e elles são francezes. Os nossos irmãos de terra batem-nos constantemente, já veem que não são invenciveis!

— Morte aos *franchinotes*! berrou toda a chusma.

— ... o que lhes peço, continuou o capitão Jorge, é obediencia cega ás minhas ordens, por mais extraordinarias que pareçam. E agora... ao combate! Viva Portugal! Viva o principe regente!

— Viva! Viva o capitão Jorge!

Toda a tripulação agitou no ar os piques, sabres e bayonetas, e o commandante saudou com a espada a bandeira portugueza.

(Continúa.)

Mauuel Barradas.

## CONTOS MILITARES

### OS OSSOS DO OFFICIO

Elle—o noivo—era um esbelto alferes de lanceiros, muito bem posto na sua farda flamejante; e ella—a noiva—podia dizer-se uma das estancias mais correctas do poema da formosura.

Na volta da igreja, onde haviam ido jurar aos pés d'um sacerdote fidelidade, amor e união perpetua, encontraram as ruas da pequena aldeia atapetadas de verdura, e as moças do logar com os regaços cheios de flores mimosas, que lhes arremessaram respeitosa e quando elles passaram com os labios coloridos por um sorriso de ternura.

Na rectaguarda iam os paes da noiva, os padrinhos e os convidados, entre os quaes sobressahia pelo seu vistoso uniforme o capitão do destacamento, que se achava temporariamente na aldeia, até que o general da divisão o mandasse retirar.

Passou o jantar: mimoso, abundante, e profuso em saudes,—um jantar sincero e fidalgo, sem *menus* nem artificios.

O capitão fallou de campanhas, o pae da noiva de sementeiros, as senhoras de *toilettes*, e os noivos de tudo quanto é ternura e amor, no idioma fecundo dos olhares ardentes, que se cruzaram ininterruptos.

Veiu a noite.

Depois do chá tudo se retirou.

O alferes, n'uma commoção gratissima, testemunhava o arquejar nervoso do coração da esposa, como que pretendendo quebrar as paredes do peito esculptural e alabastrino, que uma mole de finissimas rendas lhe guarnecia.

Entraram na alcova nupcial.

Ao centro o leito, onde alvejavam os finissimos cortinados, e a colcha de sêda, aromatisada d'uns perfumes voluptuosos, inebriantes.

Elle, pudicamente ruborisada, e n'uma timidez casta, começava a desembaraçar os formosos e fartos cabellos pretos, das custosas joias que lh'os adornavam, quando o clarim do destacamento tocou a reunir!...

Era a ordem de marcha que chegava, e a força tinha de partir.

O alferes, altamente contrariado, amaldiçoou os clarins e os generaes, vestiu a farda, poz a espada, beijou a tímida esposa, e, meia hora depois, trotava no seu fino russillo ao lado da soldadesca.

— Ossos do officio!... disse-lhe o capitão sorrindo matreiramente.

Lisboa, 1891.

Oliveira Mascarenhas.



## REVISTA POLITICA

As férias do Natal estenderam-se até á nossa modesta revista, com o que muito folgamos e os nossos leitores também, porque lhe não poderíamos fornecer nenhuma novidade de sensação na segunda dezena de dezembro.

Agora sim, agora é que temos boas novas, como só as sabe dar o sr. Marianno de Carvalho, o estadista mais prodigioso d'estes tempos e sobre o qual convergem todas as atenções dos portuguezes, como aquelle de quem está dependente o dia de amanhã ser negro como pó de sapatos, ou azul como saphira.

O illustre ministro da fazenda não quiz encerrar a ultima sessão de 1891, sem fazer as mais categoricas declarações com respeito ás finanças publicas; essas declarações não podiam ser mais satisfatorias para todos os portuguezes, foram como

que existem e fiscalizando melhor a sua arrecadação.

Estas declarações tiraram todo o interesse ao discurso da corôa que deve ser pronunciado no dia 2 de janeiro, porque de sorte elle nos poderá dizer cousas mais bonitas, mais esperançosas do que as palavras do sr. Marianno de Carvalho, em quem não podemos deixar de reconhecer um espirito verdadeiramente peninsular.

Poucos dias antes d'estas declarações ainda sua excellencia verberava os maus costumes d'este paiz, que deixara de ser um paiz de frades para ser um paiz de amanuenses, isto a proposito das taes finanças que então ainda não via pelo mesmo optimismo.

Então parecia estar com uma vontade de todos os diabos de revogar quantos decretos tinha assignado nomeando amanuenses, porque de resto aquelle desabafo era muito mais com sua excellencia do que com os pobres servidores do Estado, visto que esse exercito burocrata tem vindo engrossando as fileiras á medida que os varios governos se tem succedido no poder, governos em que o mesmo digno ministro tem tido o seu quinhão.

Ainda mais uma vez reconhecemos o espirito peninsular de sua excellencia.

Para não nos occuparmos sómente da questão financeira debatida na camara dos pares, deitamos uma vista d'olhos sobre a camara dos deputados e lá veremos o sr. José Julio Rodrigues a falar uma semana inteira sobre a instrução publica, em uma interpeção que fez ao sr. ministro das obras publicas sobre as reformas decretadas por sua excellencia.

Uma semana, ou mais, se não nos enganamos, a discursar sobre a necessidade da instrução, devem concordar que é um bocadinho puchado no anno de 1891, em que, enfim, nos parece não haver ninguem que desconheça aquella necessidade, pelo menos no seio do parlamento.

Foi brilhante o orador, brilhante na fluencia da palavra e na copia de erudicção, mas o que o digno orador não mostrou foi como se realisavam todas as suas justas aspirações sobre instrução sem os meios pecuniarios para as satisfazer.

Ocorrer, dentro do orçamento possível, ás mais instantes e productivas necessidades da instrução, eis o lado pratico e positivo do assumpto, fóra d'isto podem-se produzir eloquentes discursos, afirmar-se grande somma de conhecimentos, que tudo ficará no mesmo ponto, com tempo de menos e palavras de mais.

E foi afinal em que se consumiu o tempo na camara dos deputados, encerrando-se o parlamento no dia 29 para tornar a abrir solememente no dia 2 com o novo anno.

Para o novo anno, pois, dirijamos as nossas esperanças, para que elle nos dê mais obras e menos discursos, mais metal e menos papel.

João Verdades.

## Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1892

Está publicado este almanach.

Recebem-se encomendas na *Empresa do Occidente*.

A capa, em chromo, representa a Avenida da Liberdade, uma primorosa aguarella de L. Freire.

Preço 200 réis, pelo correio 220.

LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

## Capas para encadernação do «Occidente»

Preço da capa 800 réis franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1\$200.

Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE.

Largo do Poço Novo — LISBOA

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores  
Rua Nova do Loureiro, 25 e 43



MARQUEZ DE PENAFIEL — FALLECIDO EM BERLIM NO DIA 30 DE DEZEMBRO DE 1891

(Segundo photographia)

que o arco iris precursor da bonança, depois de uma trovoadá medonha, a nega de ceu azul a rasgar-se por entre os espessos nimbo personificados nos srs. Luciano de Castro, Thomaz Ribeiro e Mathias de Carvalho.

A resposta do sr. Marianno de Carvalho aos tres citados oradores, desfez completamente todas as negras sombras do quadro das finanças publicas, por elles apresentado perante a camara dos pares.

O resumo do discurso do sr. ministro da fazenda é que as mesmas finanças estão no melhor caminho de se equilibrarem. Voltou a afirmar que antes das andorinhas chegarem estará restabelecida a circulação metallea; que a questão financeira é muito mais facil de resolver do que a questão economica, mas que em todo o caso espera que as novas pautas proteccionistas concorram efficazmente para o equilibrio economico da vida portugueza.

Já o leitor vê que não póde haver nada de mais agradavel que as declarações do sr. ministro da fazenda, e se acrescentarmos a isto a noticia do deficit, até ao fim do anno economico, estar calculado apenas em oito mil e tantos contos, e de no anno seguinte não passar de quinhentos, devemos todos exclamar *Eureka*.

Ainda ha mais. Tudo isto se ha-de conseguir sem tocar nos vencimentos dos funcionarios do estado, sem augmentar impostos, remodelando apenas os